

# Os “sinais de pontuação” são marcas constitutivas do sentido?

Ariadna dos Reis Araújo Ferreira

UNIPAM

Orientação: Prof. MS. Geovane Fernandes Caixeta

**Resumo:** O objetivo deste artigo é mostrar que os sinais de pontuação são constitutivos do sentido textual-discursivo. Para tanto, num primeiro momento, apresentar-se-á uma visão histórica sobre a origem dos sinais de pontuação, do seu surgimento e sua evolução com o advento da imprensa. Num segundo momento, será feita uma descrição do ponto de vista de diversos gramáticos tradicionais e lingüistas acerca das marcas pontuacionais e sua contribuição na produção de sentido textual. Por último, serão analisados dois textos que são cartas, retirados de revista *Veja*, dirigidos a um público diversificado, mas que operam com um padrão de linguagem mais formal – a análise desses dois textos será feita sob o ponto de vista gramatical e sob o ponto de vista discursivo.

**Palavras-chave:** Sinais de pontuação. Gramática. Discurso. Constituição de sentido.

## Ponto de partida!

Quem não se lembra dos tempos de estudante, quando uma professora de língua portuguesa entregava a redação cheia de correções em vermelho de erros de pontuação? Parecia mais um texto ensangüentado todo pingado de vermelho do que uma produção textual. E ainda nos dizia: “Você precisa melhorar a pontuação, menino!” E ficava por isso mesmo. A pontuação de um texto aparece concomitantemente no momento que vamos escrevendo; por isso, se não sabemos pontuar corretamente, logo não sabemos também expor nosso pensamento de maneira coerente na escrita. Assim, as redações serão uma mancha vermelha no nosso desempenho escolar.

O objetivo deste trabalho é mostrar que os sinais de pontuação são partes constitutivas de sentido textual-discursivo. O que mais nos motivou a desenvolver este artigo sobre os sinais de pontuação como constitutivos de sentido são várias elucubrações que não saem de nossas cabeças. Por exemplo: se estamos nos preparando para sermos professores de língua portuguesa, será que o curso foi capaz de sanar minhas dúvidas quanto ao emprego dos sinais de pontuação de um texto? Ao término do curso, percebemos que este artigo vai muito além de um trabalho de conclusão de curso, pois as investigações a serem feitas também visam a esclarecer dúvidas pessoais.

Portanto, empreender uma pesquisa sobre o emprego dos sinais de pontuação é de suma importância. Acreditamos que eles contribuem para a construção do sentido textual-

discursivo, ou seja, constitutivos da geração de sentidos na escrita. Nesse sentido, metodologias de ensino que promovam o correto emprego dos sinais de pontuação para construção de sentido textual fazem-se necessárias, pois vêm capacitar o aluno a pontuar o seu texto de maneira lógica para o leitor, e não pontuá-lo intuitiva e aleatoriamente como são orientados a fazer.

Para a consecução da pesquisa, serão percorridos três caminhos. No primeiro, apresentaremos uma revisão teórica acerca do contexto histórico dos sinais de pontuação. No segundo, apresentaremos uma pesquisa feita em gramáticas tradicionalmente conceituadas, abordando a questão consensual entre os gramáticos e lingüistas quanto ao emprego dos sinais de pontuação: o espaço destinado à pontuação e as regras de emprego. No terceiro, apresentaremos uma análise de textos sob dois pontos de vista, o gramatical e o discursivo, para que se demonstre que os sinais são constitutivos do sentido textual-discursivo.

Segundo Villela (2005, p. 221), “quem pontua um texto está dando pistas para a construção de sentido por parte do leitor”. Diante dessa colocação de Villela, espera-se que o trabalho a que nos propomos possa “dar pistas” para a resolução, mesmo que parcial, deste problema; ou seja, espera-se que a pesquisa mostre que o uso adequado dos sinais de pontuação é fator fundamental para a construção do sentido textual-discursivo.

## **1. Era uma vez os sinais de pontuação...**

### **1.1. O ponto inicial da história de sinais!**

Segundo Halliday (1990, p. 32, apud VILLELA, 2003, p. 185), ao tratar da evolução do sistema de pontuação, no princípio, a escrita grega era uma fileira de letras sem espaços e sem pontuação, mas os gregos já separavam as frases, escrevendo-as uma em cada linha. Durante os séculos, surgiram inovações até se chegar à forma de escrita atual. Assim: (1) padroniza-se a direção da linha escrita – os gregos adotam uma sucessão da esquerda para a direita e os fenícios optam pela sucessão inversa; (2) introduzem-se espaços entre as palavras; (3) introduz-se o ponto para marcar o final das sentenças; (4) distinguem-se as letras maiúsculas e minúsculas; (5) introduzem-se símbolos especiais para indicar ligações (hífen) – intercalações e omissões (parênteses); (6) surgem outras marcas de pontuação mais detalhadas: vírgula, dois-pontos, ponto-e-vírgula e travessão; (7) introduzem-se símbolos especiais: marcas de citação, interrogação e exclamação.

Como os gregos desconheciam a leitura silenciosa, as primeiras marcas pontuacionais foram acrescentadas aos textos apenas para fins retóricos, ou seja, de oralidade. Os oradores gregos se valeram desses recursos diante da necessidade de mostrar onde deveriam fazer pausas breves ou longas, elevar a voz e entonar durante a explanação de seus discursos. Surge a partir daí a primeira pontuação. Já os povos romanos e medievais foram incrementando este conjunto de sinais de pontuação, que eram usados para indicar aspec-

tos estruturais dos textos, e não os associavam às pausas respiratórias, como fazem a maioria dos gramáticos da atualidade. Todos esses aspectos estruturais acarretaram o desenvolvimento da leitura silenciosa que culminou em uma pontuação que exprime informações estruturais que é a nossa pontuação atual, embora esteja passível de mudanças, como vem ocorrendo ao longo dos anos desde o seu surgimento.

Para Houaiss (1967, p. 90, apud VILLELA, 2005 p. 185), “a história da pontuação no mundo ocidental revela uma lenta conquista”. Tomando por base o sânscrito, o autor destaca três estágios dessa história. Num primeiro, após um longo período em que as palavras eram ligadas umas às outras, os vocábulos são separados por um ponto colocado na linha, no meio ou acima do final do vocábulo, “até que em lugar do ponto em apreço apareça pura e simplesmente uma grande conquista – o espaço branco funcional”. No segundo, usa-se novamente o “ponto em altura variável” para separar o que corresponde a “grosso modo à noção atual de parágrafo”. O último estágio “é o dos gramáticos, filólogos, glosadores alexandrinos que principiaram a intercalar signos de pausa respiratória, numa aproximação do débito declamatório do texto, se lido (...)”.

Conforme Passos (1995, p. 21-22, apud VILLELA, 2005 p. 185), “o ponto (*colon*) foi o primeiro sinal a ser usado e era empregado em cima, no meio e no fim da linha. Mais tarde, apareceu a vírgula (*comma*), que indicava a mesma pausa, mas com menor intensidade, inclusive no final da linha. Depois, surgiram os dois-pontos e o ponto-e-vírgula. Segundo esse autor, foi Aristófanos de Bizâncio, gramático e crítico da época de Alexandria, no século II a. C., que consolidou o alfabeto grego e criou o primeiro sistema de pontuação”. Ele usava um ponto no alto para indicar o fim de um grupo de palavras, um ponto no meio da altura da letra para indicar que seria adicionado algo ao significado corrente e um ponto na base para indicar que o significado da frase se completaria adiante.

## 1.2. O ponto final da história dos sinais?

A maioria dos sinais que conhecemos hoje apareceu entre os séculos XIV e XVII. O surgimento da imprensa foi o principal responsável pela evolução e popularização da pontuação. Com ela, as marcações deixaram de ser dirigidas a quem escreve e se voltaram a quem lê, destinando-se a facilitar a compreensão do texto. A impressão tipográfica também exigiu que houvesse uma padronização e simplificação dos sinais.

Entender os processos que dirigem a maneira de pontuar facilita o uso dos sinais, bem como sua interpretação. Para alguns estudiosos do assunto, a maneira arbitrária de como são empregados os sinais de pontuação segue um critério sintático e um prosódico – por exemplo: o emprego da vírgula marca no texto a pausa e o ponto final, a entoação.

Barbosa (1875, p. 59, apud VILLELA, 2005 p. 188) “concebe a pontuação como um sistema de sinais gráficos auxiliares da cadeia de sinais grafemáticos e entre eles inclui os espaços entre as palavras e os acentos agudo, grave e circunflexo”. Rocha Lima (2001, p.

458) é um dos gramáticos que não define a pontuação. Divide os sinais de pontuação em três espécies de pausas. “(1) que não quebra a continuidade do discurso (...); (2) que indica o término do discurso ou parte dele (...); (3) que serve para frisar uma intenção ou estado emotivo (...)”. Tal gramático pressupõe a escrita como um sistema de transposição da fala, pois afirma que as pausas rítmicas são assinaladas na pronúncia por entoações e na escrita por sinais especiais. Rocha Lima subordina, portanto, a pontuação à melodia da fala e às pausas respiratórias mais nítidas.

Muitos lingüistas mostram-se envolvidos com os estudos acerca da pontuação. Um desses estudiosos é Trask. Para esse autor, “pontuação é um sistema convencional de marcas que representam informações sobre a estrutura de um texto escrito” (2004, p. 232). Segundo Borges (1986, p. 1, apud VILLELA, 2005 p. 195), a pontuação é “fator de clareza, de inteligibilidade do texto e sujeita a grande variação, em decorrência do valor afetivo das pausas e das modificações diacrônicas dos usos da língua”. Por sua vez, Catach (1980 p. 16, apud CHARAUDEAU, 2004, p. 390), diz que a pontuação é “um sistema de sinais não alfabéticos, mais ou menos ideográficos que funcionam como signos lingüísticos, embora não tenha em geral nenhuma correspondência articulatória”. Para ela a maioria dos sinais é impronunciável, ou seja, a relação entre eles e a prosódia é, e só pode ser indireta.

Antes dos anos 70, havia poucos trabalhos consagrados a respeito desse assunto, já que a pontuação não era uma grande preocupação da lingüística moderna. Charaudeau (2004 p. 390), afirma que “a partir dos anos 70, foi sobretudo Catach que atribui à pontuação sua importância, em concomitância com suas pesquisas a respeito da ortografia”. Para Catach (apud Charaudeau 2004, p. 391), “a pontuação age sobre dois eixos: por um lado, ela reúne e completa, na medida do possível (pois ela é concisa), as informações da língua oral”, de outro, “ela dispõe de uma ordem gráfica interna que se pode considerar de certo modo ‘autônoma’” (1994, pp. 52-53). Catach ressalta, ainda, a distinção entre “a pontuação do texto, que vai além da frase, a pontuação da frase e a pontuação da palavra”, e lhe atribui três importantes funções: unir e separar as palavras em diversos níveis (função sintática), colocar em correspondência com o oral (função prosódica), completar ou substituir as palavras (função semântica).

Dahlet (2006) comunga com as idéias de Catach, quanto aos níveis funcionais da pontuação. Para Dahlet, a pontuação é sempre uma operação enunciativa de produção de sentido e, por isso, não está sujeita a regras de aplicação mecânica. A autora define a pontuação em três níveis: nível da palavra, nível de frase e nível de texto. Portanto, de acordo com essa autora, (re)conhecer o emprego dos sinais de pontuação como fator constitutivo de sentido-textual pode interferir no uso adequado desses sinais, eliminando assim o paradigma conceitual das gramáticas. Enfim, para essas autoras, os sinais de pontuação podem ser vistos em três níveis: (1) quanto à pontuação da palavra, (2) da frase e (3) do texto. Embora a diversidade de pontuação produza sentidos distintos, quando há a ausência dela, ou se muda o sentido, ou se causa estranhamento no leitor.

A história dos sinais de pontuação mostra que eles subordinam-se ao tempo histórico. Com a imprensa, novos sinais surgem para contribuir não só com a produção textual, como também com a recepção e/ou leitura. Hoje, com a intensa proliferação de recursos tecnológicos, não será novidade o surgimento de uma marca gráfica e/ou visual que facilite ou interfira na organização da mensagem que se deseja passar e no aprimoramento da leitura de diversos gêneros.

Pelo exposto, nota-se que as opiniões dos estudiosos são, em parte, divergentes quanto ao número de sinais de pontuação e quanto ao seu emprego. Embora a maioria dos gramáticos assemelhe-se na forma de abordar o emprego dos sinais de pontuação, não há consenso quanto ao uso, visto que existe uma enorme distância entre a norma culta e o uso nos textos a que os alunos têm acesso (*outdoors*, placas, textos publicitários e jornalísticos, textos de revistas em quadrinhos e outros). É válido ressaltar que a maioria dos gramáticos sempre exemplifica suas teorias com autores clássicos da literatura – isso nem sempre é pertinente se se considerar a diversidade de textos presentes nos livros didáticos, já que, em muitos casos, os autores dos manuais didáticos reproduzem os exemplos dos gramáticos.

## **2. Os sinais de pontuação são marcas constitutivas do sentido?**

A maioria dos sinais de pontuação teve sua origem desde o início do século, daí a necessidade de se apresentar uma base histórica acerca destes sinais e o seu importante papel na produção e recepção dos textos, tanto no que se refere à organização, quanto no papel importante e preponderante na construção de sentido textual.

Na tentativa de dar uma resposta à pergunta-título deste artigo, que é também a desta seção, recorreremos à história dos sinais de pontuação, destacando alguns estudiosos. No entanto, percebemos que pouco sucesso se consegue no ensino das regras de pontuação, tão bem estudadas e analisadas pelos teóricos. É comum encontrar textos produzidos por alunos com erros elementares de pontuação, a maioria dos alunos confessa desconhecer o emprego de ponto-e-vírgula, e alguns admitem que empregam os sinais gráficos (particularmente a vírgula) mais por intuição, guiados pelas pausas da fala. Muitos ainda associam este sinal às pausas respiratórias dentro do texto, e o que é pior empregam os sinais gráficos sem nenhuma reflexão sobre a função de cada sinal.

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB, 1959), são treze os sinais de pontuação: aspas, asterisco, colchetes, dois pontos, parágrafo, parênteses, ponto de exclamação, ponto final, reticências, travessão, vírgula, ponto-e-vírgula e ponto de interrogação. Entre os gramáticos, pode-se perceber que não há consenso quanto à quantidade dos sinais de pontuação. Apesar desta falta de consenso, nota-se que as classificações propostas tanto pelos gramáticos ou lingüistas apontam, positivamente, para outra direção: ao classificar, está-se automaticamente apontando as funções desses sinais. Embora a NGB não inclua em sua contagem o itálico, o negrito, as letras maiúsculas e minúsculas e a alínea, estes

também são sinais de pontuação que têm seus usos ancorados nas intenções do produtor do texto.

## 2.1 Os sinais de pontuação sob dois pontos (de vista)

### 2.1.1. Sob o ponto de vista gramatical

Uma análise sobre os sinais de pontuação em gramáticas conceituadas mostra que o assunto encontra-se relegado a segundo plano. Na grande maioria das gramáticas, o assunto é trazido no final das gramáticas ou no apêndice. Em geral os gramáticos preferem deixar implícitas suas funções e somente as definem. Isso evidencia a necessidade de um estudo que abarque não só o gramatical como também o discursivo. Se os sinais de pontuação são marcas interferentes do e no sentido, não se pode deixar de dar a eles um lugar de destaque nos estudos do texto, já que é no texto que a língua é real.

A habilidade para efetuar uma boa pontuação que aumenta a legibilidade do texto escrito é reconhecida como uma característica importante de um bom escritor. Pontuar é o esforço que o enunciador faz para adequar o discurso escrito para o outro/leitor. Porém, não se trata de um esforço aleatório ou intuitivo qualquer. A este esforço estão subjacentes alguns critérios que direcionam o escritor/locutor na produção textual para o entendimento do seu leitor/alocutor.

Alguns gramáticos relacionam o emprego dos sinais de pontuação com alguns critérios: com a oralidade, com os aspectos sintático-semânticos do texto escrito e com a leitura. No entanto, alguns desses gramáticos nos alertam: relacionar o emprego dos sinais de pontuação somente à respiração pode nos levar a cometer erros graves que comprometem o significado do texto. No que se refere à leitura, a boa compreensão textual está intrinsecamente ligada à pontuação, pois a leitura é marcada pela entoação e melodia; no entanto, uma boa e correta pontuação textual serve para orientar e promover no leitor a compreensão do texto lido.

Vejamos a seguir o que dizem alguns gramáticos sobre tais critérios:

### Quadro 1 – Dos critérios estabelecidos por gramáticos para o uso dos sinais de pontuação

CRITÉRIOS	GRAMÁTICOS	DEFINIÇÕES
<b>Oralidade</b>	Ribeiro (1955)	“a arte de indicar por meio de certos signaes convencionais a proporção das pausas que faz quem fala ou lê” (p. 705)
	Said Ali (1964)	“pontuação é o emprego dos sinais gráficos que se colocam entre as orações e as partes da oração para indicar pausas de diversas espécies, ou para denotar mudanças de tonalidade ou simplesmente chamar atenção (p. 705)
	Cunha & Cintra (1971)	“a língua escrita não dispõe dos inumeráveis recursos rítmicos e melódicos da língua falada” (p. 420)

	Luft (1979)	“sistema de sinais com que se representam os fonemas supra-segmentais, principalmente as pausas” (p. 181)
	Torres (1981)	“pontuação é o emprego de sinais convencionais, geralmente para indicar na escrita as diferentes pausas ou inflexão de voz que devem ser observadas por quem fala ou lê” (p. 240)
	Kury (1982)	“na tentativa de reproduzir as pausas, as cadências, o ritmo, a entoação da linguagem falada, utiliza a escrita certos SINAIS DE PONTUAÇÃO” (p. 65)
<b>Escrita</b>	Almeida (1983)	“pontuação é a arte de dividir por meio de sinais gráficos, as partes do discurso que não têm entre si ligação íntima e de mostrar de modo claro as relações que existem entre essas partes”.
	Passos (1955)	“a pontuação destina-se a dar, imediatamente, ao leitor. A ordem lógica do pensamento, De outro modo, sem a pontuação, teria o leitor de reler e tresler, às vezes, para compreender o sentido da frase. E lá se iria o contexto geral do escrito”. (p. 13)
	Bechara (1999)	“sistema de reforço da escrita, constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas” (p. 604)
<b>Leitura</b>	Cunha & Cintra (1971)	“para saber onde se devem colocar os sinais de pontuação, habitue-se a ouvir a melodia da frase que escreve e, quando hesitar, leia a frase em voz alta: as pausas que será obrigado a observar e as mudanças de entoação lhe indicarão a escolha e o lugar dos sinais que nela terá de introduzir” (p. 438)

Em relação aos critérios apresentados nesse quadro, é válido e correto lembrar que, para produzir um texto, devemos nos valer de elementos da oralidade com pausa, entoação e intensidade. Esses recursos fundamentais são subsídios que estão associados aos textos falados. Também devemos levar em consideração que, para sabermos utilizar tais recursos corretamente, é preciso saber usar os sinais de pontuação na organização lógica do texto escrito e, para isso, valemo-nos das regras gramaticais para a organização sintática e semântica da produção textual, bem como da sua recepção.

De acordo com a visão dos gramáticos estudados, pode-se concluir que eles comungam da mesma premissa de que sem termos conhecimentos das regras gramaticais o texto pode ficar totalmente comprometido, confuso interferindo, assim, na mensagem que se tenta passar ao seu leitor. Com isso, quando produzimos um texto, devemos nos valer, sim, das regras gramaticais para que possamos abarcar os critérios de oralidade, escrita e leitura estabelecidos pelos gramáticos em estudo. Devemos nos valer de conhecimentos quanto às regras trazidas pelos gramáticos que nos dizem que: não se separa o sujeito do verbo por vírgula; os dois pontos são indicativos de que existirá um diálogo a frente e etc. Estes dois exemplos quanto às regras já nos mostram como devemos dominá-las ao produzirmos um texto, transmitir clareza ao leitor, por meio de sinais gráficos, facilitando e apontando o entendimento e os significados que o texto pretende passar ao leitor.

### 2.1.2. Sob o ponto de vista discursivo

É consensual entre lingüistas a idéia de que os sinais de pontuação operam na construção do sentido, o qual se respalda na enunciação. Villela (2005) defende que o papel da pontuação é “estabelecer a interação entre o enunciador e o enunciatário, pois se trata de uma marca de organização do texto escrito”. A autora ainda diz que “o significado do texto é produzido na instância da enunciação”. Para a autora em tela é no enunciado que o locutor propõe ao seu leitor a intenção do texto escrito. Daí, a pontuação tem o papel de marcar a expressividade ao discurso escrito, por outro lado o que marca a expressividade interpretativa implícita no discurso são as diversas vozes que compõem o texto capaz de colocá-lo dialogando com outro significado implícito no discurso, configurando um jogo entre sujeitos, entre locutor e interlocutor. Assim, o papel da pontuação é atribuir sentido a língua escrita, e é por meio dela que o interlocutor consegue construir o sentido desejado pelo autor do texto. Muitas vezes, ao pontuar um texto, pouquíssimos sinais de pontuação ficam regidos pela norma – isso porque, ao pontuar um texto, valemo-nos da intenção de comunicação ou do processo de interação que se estabelece entre quem escreve e quem lê.

Na visão dos lingüistas pesquisados, tratar os sinais de pontuação como marcas enunciativas é fundamental, porque tais sinais apontam e/ou organizam o sentido para quem escreve e promovem o sentido para quem lê o texto. Enfim, os sinais de pontuação são uma operação enunciativa de produção de sentido e, por isso, não está sujeita a regras de aplicação mecânica.

Vejamos a seguir o que dizem alguns lingüistas sobre a pontuação:

#### Quadro 2 – Das definições estabelecidas por lingüistas para o uso dos sinais de pontuação

LINGÜISTAS	DEFINIÇÕES
Smith (1993)	“parece coerente estabelecer uma relação entre escrever-pontuar-ler e ver a pontuação numa perspectiva textual, discursiva. Textual, na medida em que é do texto que emerge e é nele que se justifica; discursiva, porque é um sistema de possibilidades cuja realização depende, em última instância, da orientação discursiva que se quer dar ao texto, tendo em vista determinadas leituras que para ele se prevêem. Portanto, a pontuação é, no limite, um assunto de leitura, de variantes de leitura.” (p. 58)
Rangel (1983)	“a pontuação atinge a estilística exatamente quando, além de levar à compreensão, tenta transmitir as emoções, as paixões e o envolvimento afetivo do escritor-emissor da mensagem (p. 6)
Catach (1980: 16 apud Charaudeau 2004, p. 390)	“um sistema de sinais não alfabéticos, mais ou menos ‘ideográficos’” que “funcionam como signos lingüísticos, embora não tenham em geral nenhuma correspondência articulatória”.
Védenina (1989 apud Charaudeau 2004, p. 391)	(...) “Ela reconhece a função sintática e a função semântica da pontuação e insiste em sua função comunicativa (...) Essa função “comunicativa” decorre da atualização, da passagem da língua ao discurso, e da enunciação, na medida em que esta permite dividir tema e rema.”



Dahlet (2006)	“As pontuações com função enunciativa são muito variadas. Na verdade, abarcam o campo de operações pontuacionais que, de uma maneira ou de outra, provêm do marcado, do destacado. A presença do marcado remete a uma postura do <i>escriptor</i> , quer este introduza o discurso de outrem em seu discurso quer se manifeste mediante uma intervenção intencional no processo de referenciação.” (p. 167)
---------------	---

Em relação aos dizeres desses lingüistas sobre a pontuação, fica evidente que a relação entre produção de texto (autor) e a recepção dele (leitor) é mediada, entre outros aspectos, pelos sinais de pontuação. São esses sinais que apontam as direções de sentido tanto para o autor quanto para o leitor. É nesse sentido que se fala em sinais de pontuação como marcas de enunciação, ou como marcas do produtor dirigidas a um segundo, que é o leitor, para que se estabeleça a interação. Enfim, os sinais de pontuação contribuem na organização do enunciado e na leitura eficiente dele, sem os quais a qualidade da interação pode ficar prejudicada, gramatical ou discursivamente.

### 3. Os sinais de pontuação como marcas constitutivas do sentido

O propósito deste artigo é mostrar que os sinais de pontuação são marcas constitutivas de sentido. Para a consecução dessa tarefa, foram escolhidas duas cartas do leitor, publicadas na revista *Veja*.

A escolha desse gênero – carta do leitor – como *corpus* de nossa pesquisa justifica-se porque os Parâmetros Curriculares Nacionais propõe o trabalho com esse gênero, tanto leitura como produção, ao lado de outros (notícias, editoriais, artigos, reportagens etc.). Além dessa exigência “legal”, as cartas são de fácil acesso e são redigidas por meio de uma linguagem formal ou semi-formal. Sem dúvida alguma, elas são manifestações concretas do uso da leitura ou da escrita com função social. Enfim, são textos marcadamente interativos.

#### 3.1. A carta 1, sob dois pontos de vista

A carta selecionada a seguir foi retirada de *Veja* (15 de ago. 2007, p. 42). Sua autora é Vani Aparecida Bento Martins, de Belo Horizonte. Tem-se:

Ô, VEJA! Que decepção! Não tinha ninguém mais interessante para entrevistar nas páginas amarelas? Quanto mais eu avançava na leitura da “entrevista”, mais difícil era acreditar no que estava lendo. Onde vocês arranjam essa mulher?

Sob o *ponto de vista gramatical*, há, nessa carta, vários sinais de pontuação fundamentais para a análise, sobre os dois pontos de vista propostos. Sobre o ponto de vista gramatical, já na primeira frase do texto em “O, VEJA!” a /,/ em sua função de segmentação, serve para dar pausa ao discurso. Assim, Cunha & Cintra (apud DAHLET 2006, p. 141) dizem

que a “vírgula marca uma pausa de pequena duração”; para Said (apud DAHLET 2006, p. 141) serve para marcar “a pausa mais fraca”; para Rocha (apud DAHLET 2006, p. 141), trata-se de uma “pausa que não quebra a continuidade do discurso, indicativa de que a frase ainda não foi concluída”. Comungando com a visão desses gramáticos, a /,/ desempenha sua função de pausa respiratória, pois a vírgula não representa traços da língua oral. Ela nos indica pela intensidade que causa que virá uma surpresa à frente. Quando nos deparamos com o /!/, em “VEJA!”, este sinal aqui empregado marca o vocativo, ou seja, é o chamamento que causa no leitor a surpresa, espanto e a quebra dessa exclamação vem logo em seguida e é expressa pela frase “Que decepção!”, que sinaliza uma manifestação subjetiva da autora da carta. Essa frase, segundo a visão gramatical, é uma frase optativa e é marcada, quase sempre, pela /!/.

Nas frases “Não tinha ninguém mais interessante para entrevistar nas páginas amarelas?” e “Onde vocês arranjaram essa mulher?”, o ponto de interrogação /?/ tem a função de indicador de pergunta. Já na frase, “Quanto mais eu avançava na leitura da “entrevista”, mais difícil era acreditar no que estava lendo.” As /“”/ duplas na palavra “entrevista” serve para dar realce, as /“”/ têm a função de acentuar, ressaltar o que se quer dizer pelo autor do texto. Bechara (apud DAHLET, 2006) define a função das aspas e diz que serve para “ênfatisar o sentido particular”, “ressaltar uma expressão” (Bechara). A mesma posição de Bechara é encontrada em Cunha: “acentuar o valor significativo do termo ou expressão”, “sobressair um termo ou expressão”.

O emprego das /!/ e das /?/ na carta marca o fim e o início de frases. Além desse emprego, tem-se ainda o uso do ponto final em “... que estava lendo.” Esse emprego no texto da carta obedece às regras prescritas pelas gramáticas: Segundo Cunha & Cintra (1971, p.632), “o ponto assinala a pausa máxima da voz depois de um grupo final descendente” – e o que se realiza no texto se considerarmos que as outras frases são exclamativas e interrogativas, “ditas” com forte marcação de sonoridade. Ainda para Cunha & Cintra, emprega-se o ponto “para indicar o término de uma oração declarativa”. A autora da carta, no período em que aparece o ponto, declara sua incredulidade diante do que lia.

Sob o *ponto de vista discursivo*, nota-se, na carta selecionada, que a pontuação usada está explicitamente a serviço da função discursiva da linguagem. No enunciado “Ô, VEJA!”, os sinais de pontuação empregados (letras maiúsculas, vírgula e exclamação) servem para dar entonação ao discurso gerando um tom de admiração. Já a palavra “VEJA”, em letras maiúsculas, permite duas leituras: uma verbal, que é uma ordem; e uma substantiva, que é o nome da revista. O conjunto desses sinais de pontuação nessa frase inicial marca a surpresa da autora da carta e pode gerar espanto e uma reação no leitor – o valor exclamativo, dado pelo ponto de exclamação, cria uma força de interpelação, daí o impacto almejado para que ele reaja no sentido previsto pela autora da carta.

As /“”/, presentes na palavra “entrevista”, exercem a função de indicador interpretativo, direcionam a leitura ambígua desejada pela autora: entrevista como gênero tex-

tual e entrevista pobre de conteúdo. Muitos gramáticos atribuem a esse sinal apenas a função de realçar, acentuar o dito, apresentam-no em suas gramáticas apenas ligado a essa função. Para Dahlet (2006, p. 182), “as aspas (...) bloqueiam a interpretação literal do segmento e fornece, assim, indicações de interpretação peculiares. É por isso que chamamos esse sinal de pontuação de indicador interpretativo: trata-se de um “sinal a ser interpretado”. Nesse sentido, as aspas empregadas pela autora da carta fazem esse papel de dar a deixa ao leitor para a composição do sentido textual – sentido esse delimitado pela autora; ela quer que seja lida uma crítica implícita à qualidade da entrevista.

Quanto às interrogações presentes na carta, nessa perspectiva discursiva, são condutores de diálogo. As gramáticas persistem apenas na interrogação como marca de um questionamento. Vista a interrogação como marca de condução de diálogo, pode-se dizer que o gênero é um delimitar do emprego de sinais de pontuação. Uma carta é sempre dirigida a um outro; no caso em tela, o outro é a revista *Veja*, que, por sua vez, dirige a carta a um outro, que são os leitores. Os leitores ainda podem reagir, favoravelmente ou não à carta – sobretudo em virtude dos questionamentos feitos e evidenciados pela /?/.

### 3.2. A carta 2 sob dois pontos de vista

A carta selecionada a seguir foi retirada de *Veja* (3 de out. 2007, p. 36). Seu autor é Mann Dyon, do Rio de Janeiro. Tem-se:

Quando vejo o senhor Renan Calheiros a exercer solenemente as suas atribuições de presidente (?) do Senado, não consigo dissociá-lo da famosa história do rei nu. Sim, ele até pode bater o pé, fazer beicinho, apoiar-se nos seus cúmplices e asseclas e dizer “Daqui não saio, daqui ninguém me tira”. Mas o que ele não consegue reparar é que na prática já foi “saído”, há muito tempo, banido e expurgado pelos milhões de corações e mentes que amam e respeitam este grande e digno país.

Sob o *ponto de vista gramatical*, evidencia-se, nessa carta, uma diversidade de empregos de sinais de pontuação. Inicialmente, nossa análise recaía sobre o ponto final. Para Bechara (apud DAHLET 2006, p. 124), “o ponto encerra um período (desde que não de modalidade interrogativa, exclamativa ou de reticência) e o ponto parágrafo encerra um ‘grupo de períodos’”. Enfim, segundo as gramáticas, o ponto indica que um pensamento está completo. O primeiro e o segundo ./ da carta analisada assinalam o final de uma frase. Já o terceiro ./ assinala o encerramento de um grupo de períodos que forma o texto. O autor distribui suas idéias em três blocos informacionais, marcados e/ou delimitados pelos ./

Do ponto de vista gramatical, o sinal de interrogação marca uma pergunta que pode estar aberta ao leitor. Para Bechara (2004, p. 607), tal sinal é posto no “final da oração enunciada com entonação interrogativa ou de incerteza, real ou fingida também chamada retórica”. Desse modo, não há justificativas gramaticais suficientes para a ocorrência de

/(?)/. Assim, tal ocorrência encontra-se respaldo apenas na perspectiva discursiva, como se verá mais adiante.

As /"/, presentes em “Daqui não saio daqui ninguém me tira” e na palavra “saído”, segundo as gramáticas tradicionais, são “empregadas para dar a certa expressão sentido particular, para ressaltar uma expressão dentro do contexto ou para apontar uma palavra como estrangeirismo ou gíria” (Bechara, 2004, p. 613). Na carta, na primeira ocorrência, marcam a voz de outro – tal uso também tem respaldo nas gramáticas. Na segunda ocorrência, foram usadas para marcar uma possibilidade de leitura não-litera.

Já as vírgulas presentes no texto exercem a função de segmentar as orações. A /,/ presente na primeira frase, marcando as explicações, as circunstâncias, as adições, enfim, as pausas entonacionais menores dentro de um período, que é delimitado pelo ponto. Como não há um jogo de expressividade no uso das vírgulas na carta, aqui, limitamos a justificá-las apenas sob o aspecto meramente gramatical.

Sob o *ponto de vista discursivo*, na carta, o /?/ vem entre parênteses porque sua intenção é mostrar o posicionamento irônico do autor diante do papel exercido por Renam Calheiros e instigar o leitor a posicionar-se diante das informações subjetivas repassadas a ele. Esse recurso de expressividade pontuacional é muito usado em texto de jornais e revista. Ocorre propositalmente o seu emprego, pois sua função ora empregada é a de dar interpretação dúbia ao que se quer expressar. A intenção do escritor é a de aguçar no leitor sobre como ele vê o presidente do Senado. Há também um sentido pejorativo sobre os vários tipos com que o senador se apresenta à frente da presidência do Senado. Nesse sentido, o autor da carta chama o leitor para dentro do texto, fazendo com que ele seja um de intérprete cúmplice. Para Dahlet (2006, p. 65), os três sinais interativos /?/, /!/ e /.../ tem a mesma capacidade de se inserir no nível intrafrásico, mas somente /?/ e o /!/ “podem ser colocados entre parênteses já que a combinação /(...)/ muda a operação, na medida em que remete a uma citação truncada”.

Na frase “Sim, ele até pode bater o pé, fazer beicinho, apoiar-se nos seus cúmplices e asseclas e dizer “Daqui não saio, daqui ninguém me tira”. A seqüência de /,/ empregadas marca a entoação rítmica dos fatos. A intenção do escritor é a de mostrar ao leitor os artifícios usados por Renam Calheiros. Já as /"/ no enunciado acima sinaliza a (suposta) fala do próprio Renam. Para Dahlet (2006 p. 182), As aspas “bloqueiam a interpretação literal do segmento e fornecem, assim, indicações de interpretação peculiares. É por isso que chamamos esse sinal de pontuação de indicador interpretativo: trata-se de um sinal a ser interpretado. Em seguida, as /"/ na palavra “saído” são autonímicas (quando a palavra não se remete a um referente, mas a ela mesma), servindo para ressaltar uma palavra, que se refere a si mesma. Na carta, a palavra “saído” quer dizer exatamente isto: o presidente já saiu, embora ainda continue “batendo o pé”.

O ponto ./ intratexto anuncia que ali acaba algo e começa algo novo, ou seja, ele finaliza o período. Já no final do texto o ./ assinala o encerramento do texto, pois se trata de

um sinal de seqüência que respeita a ordem hierárquica dentro da frase e do texto. Enfim, os pontos (finais) na carta obedecem à fragmentação do texto em unidades de informação menores. Eles não têm na carta destaque discursivo e expressivo.

### **Considerações chegadas!**

Neste trabalho, pretendeu-se mostrar que os sinais de pontuação são constitutivos do sentido textual-discursivo. Os estudos empreendidos evidenciaram que, sob o ponto de vista gramatical e sob o ponto de vista discursivo, há um esforço do escritor para adequar o seu discurso escrito a quem o lê/leitor. Para tanto, entender os processos que sinalizam a forma correta de pontuar facilita o uso dos sinais bem como sua interpretação.

O presente artigo não teve a pretensão de abarcar todos os “problemas” envolvidos na pontuação dos textos em língua portuguesa. Aponta pistas numa tentativa de esclarecer o que leva o escritor a escolher determinados sinais de pontuação em detrimento de outros.

Pela análise das duas cartas, as pistas deixadas pela pontuação induzem à conclusão de que sua função primordial e principal é auxiliar a produção de sentido do texto. Pode-se concluir também que a maioria dos sinais de pontuação decorre da intenção de comunicação ou da interação estabelecida entre quem escreve e quem lê.

O conhecimento das regras gramaticais sobre o uso dos sinais de pontuação é de suma importância, pois o ato de pontuar em si não foge às regras. Mas elas provêm do próprio ato de comunicação, ou seja, está na ligação entre o enunciador e o enunciatário. Portanto, vários sinais de pontuação não ficam presos somente às regras apresentadas nos compêndios gramaticais, pois, ao produzir um texto, a maneira de pontuar está mais ligada à intenção que o autor pretende promover no seu interlocutor do que somente às funções gramaticais.

### **Referências bibliográficas**

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 32 ed. São Paulo: Saraiva, 1983.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Trad. (coord.). Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares S/A, 1971.

DAHLET, Verónique. *As (man)obras da pontuação: usos e significações*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

NÁPOLES, Ana Maria Villela. Pontuação e interação, in: FIGUEREDO, Maria do Carmo Lanna & FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Tradição e contemporaneidade: língua e literatura*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2003.

KURY, Adriano da Gama. *Ortografia, pontuação, crase*. Rio de Janeiro: Fename, 1982.

LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. 3 ed. Porto Alegre: Globo, 1979.

PASSOS, Alexandre. *Arte de pontuar (notações sintáticas)*. 4 ed. revista. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti editores, 1955.

RANGEL, Pascoal. Pontuação: "uma análise estilística I", in: *Suplemento Literário*. Belo Horizonte, n. 886, 24/09, p.6-7, 1983.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões gramaticaes ou Nova gramática portuguesa*. 6. ed. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 41 ed. Rio de Janeiro: José Olympo Editora, 2001.

SAID ALI, Manuel. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 8. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SMITH, Marisa Magnus. A pontuação como ponto comum entre o leitor e o escritor. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 28, n. 4 dez. 1993, p. 53-84.

TORRES, Artur de Almeida. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. 26 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. Trad. e adap. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, 15 de ago. 2007, Seção Cartas.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, 3 de out. 2007, p. 36, Seção Cartas.

VILELA, Ana Maria Nápoles. Qual o papel na pontuação na representação escrita da língua?, in: *Scripta*, Belo Horizonte, v. 8, n. 16, p. 184-200, 2005.